

10  
15-9-98



*Notícias*

## 2.º FORUM ANUAL INTERNO

*“ENSINO - APRENDIZAGEM NO IPP”*



Embora não queiramos, propriamente, discutir o papel e a importância de que se reveste a tradução no ensino/aprendizagem da língua estrangeira, tentaremos demonstrar a utilidade de que se pode revestir a leitura comparada de textos originais - no caso específico de língua inglesa - e da tradução desses mesmos textos para Português.

Compete-nos, antes de mais, fazer notar que as conclusões a que chegámos dizem respeito a um corpus muito limitado - trata-se de uma única obra literária e de uma das suas traduções - e que por isso não poderão ser extrapoladas para o âmbito mais largo das línguas aqui em jogo.

O trabalho que aqui trazemos à discussão é resultado da leitura comparada do *The Great Gatsby* de Scott Fitzgerald e de uma das versões traduzidas desta obra, a de José Rodrigues Migueis, que evidencia uma não correspondência entre o número de ocorrências de advérbios em *-ly* no texto de partida e o número de ocorrências dos advérbios em *-mente* no texto de chegada. Assim, num primeiro passo, que foi o do levantamento exaustivo de todas as ocorrências no original e na versão traduzida, registámos um total de 785 ocorrências no original para apenas 306 ocorrências na tradução - i.e. menos de 50%.

Se partirmos dos pressupostos que:

1. os advérbios de modo, e trataremos apenas destes, são, de forma alargada, equivalentes na língua inglesa e portuguesa quanto à sua natureza, morfologia e classificação sintáctica e semântica e que
2. estes advérbios 'em falta' não podem todos ter sido, pura e simplesmente, eliminados pelo tradutor,

já que, segundo Newmark, « Theoretically, the translator has to account for every portion and aspect of cognitive and pragmatic sense in the S[ource] L[anguage] text.» (1988: p.149), chegamos a uma pergunta inevitável - *O que lhes terá acontecido?* Em que se terão transformado?

Para tentar responder a essa pergunta e por razões que se prendem com a dimensão imposta para o trabalho que serve de base a esta comunicação, foi necessário limitar o estudo dos advérbios de modo em *-ly*. Escolhemos, por isso, os advérbios que, de acordo com a classificação semântica apresentada pela obra *A University Course in English Grammar*, se incluem na classe «Process Adverbs» e, dentro desta, na sub-classe «Manner Adverbs», reduzindo este número apenas aos que exprimem «human feelings, such as *angrily, happily, desperately, passionately, sincerely*, etc.». Juntámos, ainda, no nosso estudo outros advérbios que, embora se incluam tradicionalmente noutras categorias semânticas que não a de modo, podem, em determinados contextos, adquirir a capacidade de transmitir emoções ressentidas pelos humanos. Destes o mais marcante é, sem dúvida, o advérbio *quickly*, tradicionalmente considerado um 'time adverb'<sup>1</sup> Feita esta selecção, vimos a nossa lista encurtar sensivelmente, circunscrevendo-se o nosso objecto de estudo ao tratamento 'translatório' de um total de 243 ocorrências no original.

1 É interessante notar que uma das traduções para *quicly*, o advérbio rapidamente, é alvo de considerações quanto à sua presença a uma ou outra categoria, diz o Prof. Vilela que «Há um grupo de advérbios que ocupam uma área que designamos por "modo" e "tempo", que podemos designar por advérbios aspectuais;» (1995:p.196)

Passámos então ao estudo das metamorfoses sofridas pelos advérbios em *-ly* ao serem traduzidos para português. Para isso, começámos por observar, caso a caso, todas as soluções encontradas pelo tradutor para traduzir os advérbios que nos ocupam e deparámos, como seria de esperar, com uma grande variedade de soluções

que tivemos de classificar. Através desta classificação, que obedeceu, numa primeira fase, a critérios gramaticais, observámos que as soluções translatórias encontradas para os advérbios em *-ly* se distribuem por quatro categorias gramaticais:

1. **Advérbios (de modo) cerca de 21% das soluções translatórias;**
2. Adjectivos cerca de 28%;
3. Locuções Adverbiais cerca de 43%;
4. Verbos cerca de 1%; e
5. Omissões cerca de 7% das soluções encontradas.

Já numa segunda fase de classificação obedecendo, desta feita, a critérios sintácticos, tentámos definir quais as funções realizadas ou integradas pelas diferentes opções de tradução dos advérbios em *-ly*. O que nos permitiu ver abrir-se um leque de funções sintácticas distribuídas por cinco grupos:

1. Complemento do objecto (Co) - 4%
2. Complemento do sujeito (Cs) - 1%
3. Complemento de modo (mAjd) - 71%
4. Sujeito (S) - 16%
5. Verbo (Vg) - 1%.

Vamos aqui salientar apenas três pontos que nos parecem mais interessantes. Referiremos em primeiro lugar os 7% de omissões. Neste ponto, não trataremos propriamente de metamorfoses mas sim de desaparecimentos. Na maioria dos casos, são situações em que, no original, os advérbios de modo, realizando a função sintáctica de complemento de modo (mAjd), se encontram em orações parentéticas, incluídas no meio de discurso livre. Neste casos a solução encontrada pelo tradutor foi a de omitir na tradução, não só o advérbio, mas toda a oração. São disso exemplo os seguintes casos:

- a) « You did it, Tom,» **she said accusingly.** « I know you didn't mean to but, you did do it.(...)»  
- Foste tu Tom! Eu sei que foi sem querer mas foste tu!(...)
- b) « What grass?» **he inquired blankly.** « Oh, the grass in the yard.»  
- Qual relvado? Oh, a relva da ....
- c) « You're crazy, Nick,» **he said quickly.** « Crazy as hell.(...)»  
- Nick, você está doido. Doido varrido!

Podemos também encontrar outros tipos de omissões, é o caso dos dois exemplos seguintes, em que a escolha das palavras/expressões utilizadas pelo tradutor carregam por si só o significado veiculado pelo advérbio no original:

- a) «Who?» he demanded **rudely.**  
- O quem ?

b) **Abruptly** he slammed the door.

- E deu-me com a porta na cara.

c) She must have seen something of this in my expression, for she turned **abruptly** away and ran up the stairs.

Ela deve tê-lo pressentido na minha expressão, porque deu meia volta, correu escada acima e entrou em casa.

Nestes casos particulares a tradução do advérbio de modo, presente no original, por um advérbio em *-mente* teria resultado em redundância.

Num segundo ponto é de salientar a significativa percentagem de advérbios em *-ly* que ao serem traduzidos surgem sob a forma de adjectivos - 28%. Enquanto modificador do substantivo, o adjectivo pode integrar qualquer função sintáctica, quer seja S, Cs, Co ou complemento de modo (mAdj). Mas sabemos que esta última função pode ser realizada unicamente pelo adjectivo. Através de um processo de formação dos advérbios - a 'adverbialização do adjectivo', o adjectivo (normalmente modificador do substantivo) pode ganhar valor adverbial, passando a modificar o verbo. Na sua função adverbial, o adjectivo tem por característica principal modificar o acontecer verbal, coloca-se, normalmente, no fim da frase e não é intermediado pela vírgula. (Cunha & Sintra 1986: pp. 267-71). Assim, um exemplo da função adverbial de um adjectivo que aqui realiza um complemento de modo (mAdj) pode ser:

ex: - Sim - disse a menina muito serena.

Neste caso podemos facilmente substituir o adjectivo pelo advérbio correspondente sem que nada seja alterado ao sentido da frase.

ex: - Sim - disse a menina muito serenamente.

A não confundir com o adjectivo na função de adjunto adnominal (modificador do substantivo):

ex: - É a sua expressão favorita, não é ?- atalhou o Tom, cortante.

Em que *cortante* é adjunto adnominal, i.e., qualifica o substantivo que é núcleo do sujeito (S), o que também pode acontecer em relação ao núcleo de outras estruturas sintácticas como, por exemplo, o Co :

ex: - Oh, sim! - Deu-me um olhar ausente .

O adjectivo pode ainda ser, e é o frequentemente, anteposto ao substantivo núcleo de uma locução adverbial. Nestes casos é o adjectivo que carrega o significado veiculado pelo advérbio (em *-ly*) presente no original:

ex: *attractively* - de atraente maneira  
*cheerfully* - com bem-humorada atenção

Mas pode também surgir posposto:

ex: *expectantly* - com uma expressão interrogativa  
*impatiently* - com sinais impacientes

O terceiro ponto a salientar é que o tradutor parece preferir traduzir os advérbios de modo em *-ly* (notemos de novo que nos referimos apenas aos que expressam ou explicitam emoções humanas) por locuções adverbiais - 43% das soluções translatórias, em detrimento de qualquer outra categoria gramatical. Surge, assim, um grande número de construções nominais que funcionam como advérbio e que são introduzidas através de uma preposição (frequentemente 'com').

É nossa opinião que, efectivamente, as locuções adverbiais permitem contornar o problema da improbabilidade de alguns advérbios em *-mente*

ex: *attractively* - « de atraente maneira» vs. \*atraentemente  
*humorously* - « com bom humor» vs. \* (bem-)humoradamente

mas, por outro lado, a verdade é que muitas das locuções adverbiais introduzidas na tradução se substituíram a advérbios de modo perfeitamente legítimos, é, por exemplo, o caso de:

ex: *anxiously* - «com ansiedade» vs. \*ansiosamente  
*audibly* - «com estrondo» vs. \*estrandosamente  
*coldly* - «com frieza» vs. \*friamente  
*solemnly* - «com solenidade» vs. \*solenemente

e a nossa pergunta agora é **porquê?** Uma coisa parece clara, não será por falta de equivalência gramatical entre os advérbios em *-ly* e os advérbios em *-mente* (especialmente no que diz respeito aos advérbios que expressam emoção) que existe um tal relutância em usar estes últimos em tradução. Mais, se admitirmos que o tradutor é inevitavelmente influenciado pelas estruturas da língua do texto de partida (uma influência claramente ilustrada pelos estudantes de qualquer língua estrangeira) a tendência mais esperada seria a do número de advérbios em *-mente* se aproximar do número de ocorrências de advérbios em *-ly* no original. Ora se isso não acontece teremos de admitir que a razão desse facto não se prende nem com questões puramente gramaticais nem com questões puramente sintácticas, mas com algo mais profundo. Algo que se relaciona não só com o uso da nossa língua, mas também com as 'limitações'<sup>2</sup> que o nosso quadro mental lhe impõe. Diz Mona Baker, relativamente à equivalência gramatical, que

« There is no uniform or objective way of reporting events in all their detail, exactly as they happen in the real world; the structure of each language highlights, and to a large extent, *preselecs*, certain areas which are deemed to be fundamental to the reporting of any experience.» (1992: pp.82-3)

<sup>2</sup> Uma posição clarificada por Matinet quando diz que: «Nous ne devons jamais poser que ce qui une langue de l' autre est un choix différent dans le moy ens formels d' expression, mais le type d'analyse de l' experience qu'elle manifeste, et le genre de rports qu' on peut constater entre les chaînons linguistiques.» (Ap. R. Larose 1989: p.69)

O que é o mesmo que dizer que « grammar has the effect of a straitjacket, forcing the translator along a certain course which may or may not follow that of the source text as closely as the translation would like it to.» (Idem: p.85). Assim, mesmo que haja equivalência gramatical, e equivalência semântica, entre o advérbio em *-ly* e o advérbio em *-mente*, o tradutor viu-se forçado a não utilizar este último com a mesma frequência com que ele surge no original, já que a língua portuguesa prevê um uso mais alargado das construções nominais<sup>3</sup>.

Ao respeitar o princípio de «Equivalent frequency of usage», segundo o qual, apesar de se considerar a equivalência semântica como princípio básico da tradução, este só tem razão de existir se houver um máximo de equivalência de forma e de frequência no uso, o tradutor metamorfoseou, legitimamente, uma numerosa percentagem de advérbios de modo.

Mas convém salientar que a selecção que, inicialmente, fizemos para reduzir o âmbito do trabalho, teve grande influência nos resultados obtidos. É lícito pensar que se tivéssemos de fazer o mesmo tipo de levantamento num texto mais técnico o problema não se poria, ou seria, com certeza, menos sensível. Só que seleccionámos a área das emoções, das reacções que afectam o comportamento do Homem, explicitadas muitas vezes por advérbios, locuções adverbiais e por adjectivos. Newmark afirma que

[...] the words most subject to variance are those expressing nuances of feeling and quality (basically adjectives and their derivatives in other parts of speech) that are mentally perceived. Sociocultural differences apart, the greatest divergences are often in texts describing subjective states, where a language has some of its rarer and most esoteric words. (1988: p.139)

Se reconhecermos que esta 'variância' existe, se reconhecermos que é mais importante nos textos onde se exprimem estados perceptíveis pela mente e, portanto, sujeitos a uma grande subjectividade, e se partirmos do princípio que a razão de tal 'variância' está radicada numa estrutura profunda da língua, temos obrigatoriamente de perguntar: - Em que diferem as línguas portuguesa e inglesa? Porque não admite o sistema linguístico português uma profusão de advérbios de modo, a exemplo do sistema linguístico inglês, e prefere o uso de construções nominais?

Será a afirmação de Newmark, segundo a qual «Utterances in Romance language is more emotive than in Germanic languages.» (1988: p.132), justificativa para um uso mais alargado do substantivo e do adjectivo (locuções adverbiais e adverbialização do adjectivo) em português? Pensamos que, se esta afirmação traz alguma luz, ela não é todavia suficiente. Parece-nos que a origem da variância acima referida radica mais no facto da língua inglesa tender a fazer uma descrição mais dinâmica dos eventos e por isso, naturalmente, prefere usar o advérbio de modo, mais intimamente ligado ao verbo, que, ao modificar o acontecer verbal, sugere ao leitor/ouvinte uma imagem mais dinâmica: o leitor/ouvinte é forçado a visualizar os acontecimentos.

Nas línguas românicas, em que incluímos o português, a características mais marcada será já um certo estatismo, traduzido pela abundância de estruturas nominais, como são por exemplo as locuções adverbiais que tendem a qualificar e, muitas vezes, representar um juízo de valor que incide sobre o sujeito da frase. Ressentimos uma imperiosa necessidade de analisar e racionalizar o decorrer dos acontecimentos em vez de nos limitarmos pura e simplesmente à sua descrição. Diz o Prof. Vilela que a nossa língua tende à factização dos acontecimentos, o que justifica que, perante um advérbio de modo em -ly, na função de modificador do verbo, tenderemos, ao tentar a sua tradução, a isolar o facto na origem da modificação do acontecer verbal, no caso que nos interessa uma emoção ou um sentimento, a dar-lhe nome e ainda muito frequentemente, a atribuir-lhe uma qualidade:

<sup>3</sup> Segundo o Prof. Vilela

A linguagem actual é um alinguagem comprimida, económica, condensada, racionalizada. Um dos meios linguísticos é a condensação da frase em nominalizações e a predominância do estilo nominal [...] É a factização dos acontecimentos, a sua tecnicização por meio de nomes: é a era dos deverbais e dos deadjectivais com os seus determinantes de acordo com a valência do verbo ou adjectivo. (1995: p.255)

ex: He sat down **miserably**, as if I had pushed him, (...)

Sentou-se com mísera submissão, como se eu o tivesse obrigado pela força, (...)

E, se nos textos em português, o recurso às expressões resultantes deste processo de nominalização, que também tem equivalente no sistema linguístico inglês, é óbvio e frequente, já nos textos em língua inglesa este mesmo processo resultaria, em grande parte dos casos, em pomposidade e afectação.

É evidente que os resultados deste tipo de trabalho são limitados, como são, também, e, por isso mesmo, discutíveis as conclusões que deles se podem tirar. Mas parecem-me, por outro lado, valiosos do ponto de vista do ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira já que permitem ou obrigam a uma reflexão sobre o porquê das coisas, sobre o porquê das diferenças entre as línguas. É, antes de mais, neste questionamento que nos parece radicar a utilidade da tradução no ensino/aprendizagem das línguas, já que ela - referimo-nos não propriamente ao exercício de tradução mas ao de leitura e comparação de trabalhos originis e das suas traduções - favorece a 'dissimilação' (Ballard 1990: p.39) entre os dois sistemas linguísticos, por oposição à 'assimilação' - processo que os estudantes levam a cabo espontaneamente, reportando as estruturas da língua estrangeira à sua própria língua - e alerta os estudantes (e os formadores) para o facto de que existem 'espartilhos', enquadramentos mentais, mundividências que não permitem que um mesmo facto seja expresso do mesmo modo por falantes de diferentes línguas. Este tipo de trabalho fornece, para além disso, um espaço privilegiado para a consolidação, diria mesmo para a materialização, dos conhecimentos da língua estrangeira, no caso presente o Inglês, que, por influência dos métodos directos de aprendizagem e pelo constante bombardeamento dos média, se revela muitas vezes intuitivo e demonstra, de forma cabal, que o dicionário de tradução, cuja a utilidade é indiscutível, mas que, infelizmente, os estudantes consultam com demasiada avidez e muitas vezes sem critério, nem sempre é um fiel amigo e que por isso tem de ser 'consumido com moderação'.

## Bibliografia

BAKER, Mona - *In Other Words: A Coursebook on Translation*. London: Routledge, 1992.

BALLARD, Michel - Quel cadre pour un Enseignement de Traduction? In *Traduction et Didactique*, Danielle Laporte org. [Porto]: Ed.ASA, cop 1990, p.39

CUNHA, Celso; CINTRA, Luis F. Lindley - *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3ª Ed. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1989.

DOWNING, Angela; LOCKE, Philip - *A University Course in English Grammar*. New York [etc.]: Prentice Hall, 1992.

LAROSE, Robert - *Théories Contemporaines de la Traduction*. Deuxième édition. Québec: Presse de l'Université du Québec, 1989.

NEWMARK, Peter - *Approaches to Translation*. New York [etc.]: Prentice Hall, 1988.

VILELA, Mário - *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Livraria Almedina, 1995.